



Maristela Colombo

25

Psicóloga clínica e judiciária, Psicodramatista pelo Instituto Bauruense de Psicodrama (Ibap), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus de Marília.

# MODERNIDADE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO E A SOCIEDADE DE CONSUMO

## RESUMO

Diante de tantas mudanças, este artigo propõe uma discussão para entender de que forma o sujeito contemporâneo é influenciado pelas transformações do mundo moderno e como se constitui através delas. Propõe suscitar debates sobre a sociedade contemporânea como geradora do mal-estar na civilização e sua contribuição em situações, potencialmente, de risco nos contextos individual, social, profissional e familiar, bem como debater os efeitos da modernidade sobre o sujeito contemporâneo, como este é afetado por situações que muitas vezes desconhece, mas que são consequências do tempo no qual existe. Tempo agressivo e impiedoso, que somente dá passagem para os que podem consumir e os que se encontram em situações ditas "normais" e "legais".

## PALAVRAS-CHAVE

Modernidade, sujeito contemporâneo, sociedade de consumo, conservas culturais e modernidade líquida.

## ABSTRACT

Faced with so many changes, this article proposes a discussion to understand how the contemporaneous citizen is influenced by changes in the modern world and how it is through them. It seeks to provoke discussion on contemporary society as a source of displeasure in civilization and its contribution in situations potentially at risk in the



contexts of individual, social, work and family. It also discusses the effects of modernity on the contemporaneous citizen, as he is affected by conditions that are often unknown, but are consequences of the time in which he exists. These times aggressive and ruthless, that only gives a chance to those who consume and those who may find themselves in situations considered “normal” and “legal”.

## KEYWORDS

Modernity, contemporaneous citizen, consumer society, cultural conserves and liquid modernity.

## INTRODUÇÃO

A sociedade moderna é complexa desde a sua origem. Surgiu de debates e discussões entre vários pensadores e projetos, de diversas propostas ideológicas e pelo inevitável caminhar do tempo histórico. Desde a Revolução Francesa são promovidos debates em diversas áreas sobre o que é o tempo em que se vive, denominado de moderno, e como é o sujeito fruto de seu período histórico.

Acreditou-se que esse homem, fruto de lutas históricas e sociais, seria um novo ser, livre, emancipado das amarras religiosas, econômicas, ideológicas, sociais, familiares, capaz de se autogerir, tornando-se o condutor de sua história.

O que nos faz modernos? O mercado, a economia, a educação, a liberdade?

Que liberdade é essa que não livrou o sujeito moderno de antigas amarras, anteriormente abominadas?

E que emancipação é essa que, em busca de um bem e de uma verdade, foi capaz de gerar grandes catástrofes históricas ao longo do século XX?

Chegou-se ao final desse período com a pergunta anterior sem resposta. Não se eliminou a dominação do homem por outro homem, tampouco se eliminou o caráter predatório na sociedade capitalista. Também o comunismo, nesse sentido, não deu conta de promover a emancipação humana, pois suas tentativas falharam e apenas conduziram a Estados burocráticos e com imensos abismos sociais.

Bauman (1998) também se preocupou com a questão da modernidade. Se anteriormente a sociedade dita moderna era vivida como sólida com projetos sociais e ideologias condutoras de rumos para os homens



hoje não se tem mais isso. Vive-se, como ele denomina, uma espécie de modernidade líquida, fluida, desapegada de promessas ideológicas, compromissos sociais e políticos e com um consumismo exacerbado. O que importa é consumir sem pensar nas consequências das compulsões estimuladas pelo mundo moderno. Essas compulsões levam cada vez mais à individualidade e ao isolamento afetivo como formas de proteção.

Como bem coloca Carvalho Campos, no seu artigo *Axiodrama: uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade*:

Estamos entregues a essa grande compulsão que se instala de maneira globalizante, estamos cegos para olhar a nós mesmos e ao outro, substituindo relações por vícios, trabalho desenfreado e cacarecos pós-modernos, aumentando a sensação de impaciência em relação ao outro. (CARVALHO CAMPOS, 2010, p. 4).

No pós-modernismo vive-se a era dos excessos, das celebridades instantâneas e momentâneas, dos “quinze minutos de fama” e de uma urgência implacável, causadora de grandes sofrimentos psíquicos. Tudo ocorre com muito imediatismo, a vida caminha a galopes fazendo com que o novo pareça ter uma eternidade, se comparado ao novíssimo.

O mal-estar causado por esse ritmo de vida vem sendo severamente criticado por diversos autores.

Este artigo não pretende discutir a ideia do pós-modernismo como verdade negativa da modernidade, mas chamar a atenção para o resultado dessas transformações, que afetam a construção do sujeito moderno, especialmente em relação ao jovem e ao adolescente, que já nascem em um tempo difuso e indeterminado, no qual as relações interpessoais são trocadas por produtos de consumo.

## MODERNIDADE LÍQUIDA

Como se desenvolvem as relações humanas entre os sujeitos contemporâneos?

Como jovens e adolescentes se desenvolvem diante de uma modernidade líquida?

Mais que líquida, ousa dizer que muitas vezes a sociedade desenvolve relações gasosas, tamanhas efemeridade e velocidade com que as coisas acontecem e se extinguem.



Estamos sendo criados, desde tenra idade, diante de cenários televisivos de violência, supervalorização do consumo, modismos e mazelas sociais e familiares.

A vida moderna mostra como tudo é efêmero e vão, a cultura do vazio impulsiona a ação na busca irrefreada do prazer e do poder. O mundo está sempre cheio de novidades, os modelos de carros novos, os celulares, os computadores, a internet. A velocidade da transformação é muito rápida e violenta, instigando assim o ser humano a buscar sempre mais, a consumir ilimitadamente, caindo nas malhas do sistema de consumo sem pensar, transformando a adição de coisas em vício, tudo é poder e prazer.

A máxima da sociedade moderna é promover o consumo, isso afeta a formação psicossocial dos sujeitos, gerando novas modalidades de sensibilidades, novas necessidades, novos desejos, novas formas de sentir e perceber o mundo no qual vivem.

As noções de felicidade na esfera do moderno estão intimamente relacionadas à satisfação imediata de suas, fictícias, necessidades.

A busca desenfreada por satisfação parece ser a marca da cultura narcísica contemporânea, tornando indispensável o “ser feliz”, mesmo que apresentemos uma imagem superficial e de aparente felicidade. Ter uma aparência feliz significa um investimento no corpo, uma vez que parece existir um consenso entre os teóricos da área sobre a queda e a extinção de antigos ideais.

Vivemos a era das transformações, da desconstrução de valores consolidados, da transformação da cultura e do fracasso de certas ideologias clássicas da sociedade, a era em que certezas supostamente inabaláveis estão sendo derrubadas.

Gilles Lipovetsky faz uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, sobre uma nova geração de sociedades burocráticas e democráticas que têm sua socialização pela escolha, pela imagem e pelo sentido, através da comunicação publicitária, da sedução do consumo e também do psicologismo. Considera ainda que a sociedade de consumo seja a programação do cotidiano, que manipula racionalmente a vida individual e social e que transforma tudo em artifício e ilusão a serviço do lucro capitalista e das classes dominantes. Argumenta que essa sociedade mantém sua lógica econômica no império do efêmero, afirmando que: “uma firma que não cria regularmente novos modelos perde em força



de penetração no mercado e enfraquece sua marca de qualidade numa sociedade em que a opinião espontânea dos consumidores é a de que, por natureza, o novo é superior ao antigo” (LIPOVETSKY, 2006, p.160).

Nesse sentido, o mercado capitalista mundial vive uma liberdade cada vez mais ilimitada, na qual sua ideologia leva os agentes desse mercado globalizado às fronteiras do pretense poder absoluto. Segundo esse ponto de vista, o livre mercado é o sistema vitorioso, comprovado pela história. Não haveria alternativas e o único caminho seria a integração a ele e à sua dinâmica. Retoma-se a receita liberal de que o máximo do egoísmo apressa o progresso e a felicidade geral. (POLETTI, 1999). A concorrência, em todos os níveis, produz o crescimento dos indivíduos, dos conhecimentos tecnológicos e das empresas de produção e comercialização, lícita ou ilícita. Fica implícito que, se as pessoas não se capacitarem para fazer parte desse mercado autorregulador do progresso humano e da história, serão por ele excluídas.

Segundo Bauman (1998), se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos. Os excluídos dessa sociedade de consumo, aqueles cujos meios não estão à altura dos seus desejos, segundo os moldes liberais, e que antes eram encarados como um malogro coletivamente causado e que precisava ser tratado com meios coletivos, só podem ser, agora, redefinidos como classes perigosas, e/ou então classes criminosas, uma vez que, nesse mundo globalizado, não ter poder de consumo se consolida como crime. Ou seja, poder-se-ia definir uma estrutura social não mais pautada na divisão de classes econômicas, mas sim entre um grupo de consumidores e não consumidores.

Bauman também afirma que a estratégia da exclusão dessas “classes perigosas” e estranhas à era do consumo é bani-las do limite do mundo ordeiro. Essa é uma forma de impedi-las de toda comunicação com os do “lado de dentro”. Confiná-las dentro de paredes visíveis dos guetos ou de presídios ou atrás das invisíveis, mas não menos tangíveis. Proibi-las da comensalidade, do convívio e do comércio; expulsá-las para além das fronteiras do território administrado ou administrável, através do rebaixamento da idade penal, da “indústria da prisão”, ou destruí-las fisicamente através das penas de morte.

Esse pensamento traduz a fórmula de que, para os agentes do mercado globalizado, oferece-se tudo, todos os incentivos e toda a liberdade;



para os excluídos do mercado, nada se põe, nada de proteção, nada de oportunidades, nada de liberdade (POLETTO, 1999).

## A LIBERDADE COMO CURA UNIVERSAL

A liberdade, como a cura universal para todos os males presentes e futuros, é vista como uma ideologia da elite global emergente (BAUMAN, 2007). As relações interpessoais tendem a ser moldadas à semelhança dos meios e dos objetos de consumo e segundo as linhas sugeridas pelo consumismo que sugere o fascínio pelas alegrias e sensações prazerosas e efêmeras, seguindo um comportamento ditado por uma série de estratégias, julgamentos e pressupostos sobre os caminhos do mundo e as formas de percorrê-los.

Em uma sociedade consumista, a liberdade está intimamente ligada à perfeição, que também está ligada a uma qualidade coletiva da massa e a multiplicidade de objetos e desejos.

Para Bauman “a sociedade de consumo não é nada além de uma sociedade do excesso e da fartura – e, portanto da redundância e do lixo farto” (BAUMAN, 2007, p. 111). É o excesso que gera o vazio existencial, aumenta as incertezas pela liberdade de escolhas e não é nunca suficientemente excessivo.

Em se tratando de liberdade, Bauman dizia que “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade”. Diverso do que pensava Freud (1997), que partiu de uma análise da crise da civilização moderna, que, pela falta do exercício da liberdade, porém com segurança, via-se tolhida da felicidade individual. Bauman se serve de uma ideia contrária, mas que cabe melhor nessa noção de uma modernidade líquida, diversa da modernidade sólida à qual Freud se referia.

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p.10).

Para Bauman, a sociedade de consumo tenta satisfazer os desejos humanos; no entanto, essa promessa só se manterá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado. Na verdade, a estratégia de mercados, da sociedade e da indústria de consumo é a



[...] não satisfação dos desejos e a crença firme e eterna de que cada ato que visa satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado – são esses os volantes da economia que tem por alvo o consumidor. (BAUMAN, 2007 p. 106).

Outra forma eficaz de manter o consumo é a satisfação de toda necessidade e a provocação de novas necessidades, desejos e vontades. Ou seja, o que começa como necessidade deve ser a tal ponto estimulado até que se transforme em compulsão ou vício.

Para este autor, a “síndrome consumista é uma questão de velocidade, excesso e desperdício” (BAUMAN, 2007, p.111).

Aqui introduzimos uma questão fundamental na sociedade de consumo, que é a lacuna entre os que possuem poder aquisitivo para satisfazer às suas necessidades/desejos e os que não possuem esse poder, mas foram seduzidos por esse mercado de consumo. Na verdade, a sedução do mercado é a grande igualadora da sociedade atual e, ao mesmo tempo, a divisora. Iguala porque os impulsos sedutores são dirigidos, indistintamente, a todos que ouvirão seus apelos. Há uns poucos que podem reagir em conformidade com a mensagem sedutora e muitos que não podem reagir aos desejos induzidos pela mídia.

Com efeito, a modernidade é globalizante e suas consequências são destabilizadoras. O modo de vida do sujeito moderno, em tempos líquidos, não somente é afetado por grandes transformações, como também permeia a formação e a construção de identidades, de relações sociais e vínculos afetivos.

Giddens (1991) faz um alerta sobre as tendências globalizantes da modernidade que vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética de mudança nos polos local e global.

Considera que, no desenvolvimento inicial do indivíduo, a confiança básica e a segurança ontológica (própria do ser) derivam da confiança pessoal e estabelece uma necessidade de confiança nos outros, que resiste ao longo da vida. A confiança nas pessoas é construída sobre troca de respostas e envolvimento. Por exemplo: a fé na integridade do outro é fonte primordial de um sentimento de integridade e autenticidade do “eu”. A confiança em sistemas abstratos contribui para a confiabilidade da segurança cotidiana, mas o sistema não pode oferecer nem a troca, nem a intimidade que as relações pessoais oferecem.



Por conseguinte, as relações de intimidade pessoal também são afetadas. Os sistemas abstratos associados à modernidade transformam a natureza de relações afetivas. Por exemplo: a amizade tem mais a ver com dependência a laços pessoais. O oposto de “amigo”, já não é mais “inimigo”, nem mesmo estranho; ao contrário disto é “conhecido”, “colega”, ou até “alguém” que não conheço. Acompanhando essa transição, a honra é substituída pela lealdade, que não tem apoio, apenas afeto pessoal. A sinceridade é substituída pela autenticidade (que o outro seja bem-intencionado). Um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro. O “bom amigo” nos dias de hoje substitui o “honorável companheiro”.

Com o desenvolvimento dos sistemas abstratos, a confiança em princípios impessoais tornou-se indispensável à existência social. “A confiança pessoal não pode ser controlada por códigos fixos, ela tem de ser ganha, e o meio de fazê-lo consiste em abertura e cordialidade demonstráveis” (GIDDENS, 1991, p. 123).

Os relacionamentos são laços baseados em confiança, nos quais a confiança não é pré-constituída, mas trabalhada e o trabalho torna-se um processo mútuo de autorrevelação.

A modernidade e os seus sistemas são capazes de alterar e/ou abalar e/ou destruir relações sociais, afetivas, emocionais, sem as quais os indivíduos se veem cerceados de sentir e perceber o mundo com maior clareza e concretude.

Essas transformações modificam a maneira das pessoas sentirem ou percebem com lucidez a realidade na qual estão inseridas, tornando-as vulneráveis às mazelas e aos defeitos do projeto moderno.

## O HOMEM MODERNO E AS CONSERVAS CULTURAIS

Apesar de todas as transformações ocorridas nos últimos séculos, o homem contemporâneo continua conectado a um modelo tradicional e conservador, que determina padrões de comportamento com relação aos modos de produção e consumo.

Moreno (1987) afirmava que o homem, por medo do novo, aceita os comportamentos limitados e ditados pela sociedade que desumaniza as relações interpessoais tornando-as automatizadas e direcionadas.



Atualmente vivemos essa máxima da forma mais imperativa possível. O homem aprendeu a aceitar as ideias preconcebidas e, apesar de viver a era das transformações, da desconstrução de valores, da transformação da cultura e do fracasso de certas ideologias clássicas da sociedade, ainda assim, vive em conformidade com elas.

Moreno se renova ao constatar-mos em Fonseca (1980, p. 13), que no mundo moderno, cada vez menos se dá chance ao indivíduo para responder livre e adequadamente a novos estímulos.

Quase todas as respostas sociais estão condicionadas por normas e por regras, ocorrendo um bloqueio da espontaneidade, que restringe a capacidade de percepção e criação. O indivíduo passa a ser visto como simples peça de uma engrenagem, sem possibilidades de criar o próprio destino, deixando de ter verdadeira participação na sociedade.

Em um mundo onde as relações são cada vez mais superficiais, torna-se imprescindível o emprego de uma proposta como a de Moreno. Em outras palavras, temos de romper com os padrões de comportamento, os valores e as formas estereotipadas de participação na vida social para não nos tornarmos seres automatizados.

Na verdade, pensamos no ser humano moderno como um ser gestado dentro de uma proposta que o emancipa de quaisquer entraves de pensamento e de sentimento, livre de religiões, de crenças e ideologias, de teorias explicativas e superficiais; ele seria o fruto da própria razão, autogerindo sua realidade, desde as primícias até as consequências de seus atos. Um sujeito pleno, capaz de vislumbrar a verdade e a razão como as únicas auxiliadoras necessárias para uma vida equitativa em sociedade.

Acabou ocorrendo que o homem moderno passou a buscar a felicidade incessantemente e a preços altos, muitas vezes como o seu objetivo último. O consumo passou a ser sua máxima. Se, para ser feliz, a necessidade é consumir tudo e todos ao mesmo tempo e ainda assim sentir-se insatisfeito, entra-se em um ciclo, em uma procura infundável de meios para suprir um vazio existencial, uma ausência de algo maior, de uma proposta que possa dar a todos segurança e esperança em projetos futuros (MORRIN, 1974).

O que se vê, por fim, é uma luta dos seres humanos para consumir o que seja e de qualquer jeito, desde que esse consumo seja capaz de gerar uma saciedade, mesmo que temporária.





O desejo de consumir é natural da humanidade ou uma necessidade gerada sócio-historicamente?

Independentemente de seu poder aquisitivo, o sujeito contemporâneo é levado a sentir desejo e necessidade de possuir bens de consumo, de ter *status*, de usar roupas da moda, ver um bom filme, comer boa comida, dormir bem, enfim, necessita ter e ser tudo aquilo que é vendido pela mídia para se sentir feliz – “Vem ser Feliz” como veicula um comercial, ou “Aqui é lugar de gente Feliz” como veicula outro. E assim, em um eterno desejo/necessidade quer tudo aquilo que vê em outros sujeitos, mesmo que para isso, utilize-se de meios transgressores.

Essas transformações atingem também a criminalidade, que se organiza de acordo com o sistema capitalista. Grandes organizações com vínculos internacionais comandam a comercialização do tráfico de drogas, que se transformou em uma atividade altamente rentável, visando sempre o lucro fácil e a disseminação do seu produto.

Na atual conjuntura, é fundamental entender como o ilícito e o ilegal se enraízam no setor informal para comandar um exército de empregados e sócios menores. O tráfico de drogas traz questões como assaltos e roubos de automóveis, de cargas de caminhão, de joias, de dólares, de quadros e sequestros. Esses objetos entram na circulação de mercadorias, características do mundo capitalista e, apesar de seguirem canais clandestinos, vistos como em oposição ao sistema, servem ao mesmo fim que é o da acumulação e da obtenção de lucros desmesurados.

Essa situação fica clara nas imagens apresentadas pela mídia, nas quais aparecem meninos/garotos, subindo os morros e as favelas, com armas de última geração, nas mãos, representando um símbolo de poder. Esses garotos completam sua imagem com um boné, importado, inspirado no movimento negro da América do Norte, ouvem música *black* ou *rap* americanos, cheiram cocaína trazida da Colômbia, roubam ou compram, através do furto, um tênis *Nike* americano, último tipo. Quando filmados ou fotografados mostram dólares e armas importadas (ALBA ZALUAR, 1999).

Na verdade, a globalização é um processo ainda em construção, com dimensões que se expandem muito além da esfera econômica, e o mercado mundial é o meio básico onde nasce, desenvolve-se e se reproduz o capitalismo. Para Santos (1999), as novas formas do social produzidas





pelo processo de globalização apresentam múltiplas dimensões, as quais podem ser assim sintetizadas:

- foram geradas, além das classes sociais, outras direções na produção da organização social;
- multiplicaram-se as formas de organização dos grupos sociais, para além dos interesses socioprofissionais;
- surgem diferentes formas de representação e mediação política, aquém e além dos partidos;
- o Estado cede espaço à sociedade, tanto em nível macro – pelas formas supraestatais – como em nível micro, pelo exercício de diversas redes de poder entre os agentes sociais;
- a crise do Estado desencadeia processos de formação e consolidação do tecido social, por grupos que organizam, de maneira conflituosa, seus interesses particulares e se articulam em variados contratos de sociabilidade.

Por fim, o que se configura, atualmente, é uma sociedade desorientada que, alijada do auxílio do Estado, com influências vorazes que a circundam diariamente, com questões sociais latentes, como violência, criminalidade, pobreza, falta de acesso à educação, vê-se diante de um dilema produzido pelo projeto moderno, o qual previu suas qualidades, porém não deu conta de explicar ou solucionar os problemas e os desastres que causou. Sendo assim, este artigo se preocupa com a falha do projeto moderno, qual seja, como é construído o sujeito moderno em tempos de liquidez e efemeridades que privilegia o consumo, em detrimento de valores e compromissos sociais.

Diante de tantas mudanças, proponho uma discussão para entender de que forma o sujeito contemporâneo é influenciado por essas transformações e como se constitui através delas. Busco suscitar debates sobre a sociedade contemporânea como geradora do mal-estar na civilização e sua contribuição em situações, potencialmente, de risco nos contextos individual, social, profissional e familiar.

Debater sobre os efeitos da modernidade sobre o sujeito adolescente; como este é afetado por situações que muitas vezes desconhece, mas que são consequências do tempo no qual existe. Tempos agressivos e ímpios, que somente dão passagem para os que podem consumir e os que se encontram em situações ditas “normais” e “legais”.



Sujeitos infratores, imperfeitos, desviantes de um caminho tido como único e correto, são marginais: vivem às margens de uma sociedade que é implacável com seus indivíduos não enquadrados em um perfil considerado exemplar. Infração, aqui entendida como a fuga de um padrão próprio: o que infringe padrões de beleza e peso, os que infringem leis e condutas, os que se utilizam de drogas e outros bálsamos ilegais são todos sujeitos marginais, que por não serem considerados perfeitos, também não são pacificamente aceitos pelos grupos sociais. A imagem do jovem bom, por assim dizer, é a daquele que estuda, usa e tem bens de consumo, não se droga, não é obeso e/ou doente e não possui nenhum tipo de deficiência. Tudo o que fugir desse estereótipo não merece ser modelo para a formação e a construção de uma identidade.

A vertiginosa globalização da sociedade torna-se, também, um fator adicional a esses conflitos de identidade. É importante para o adolescente encontrar no discurso social referências positivas que lhe permitam identificar-se e projetar-se no futuro, no entanto, como já dizia Arminda Aberastury (1992) “a sociedade em que vivemos não oferece garantias suficientes de sobrevivência às pessoas, criando ainda dificuldades para o desprendimento do adolescente, que busca modelos e figuras ideais para identificar-se encontrando, ao invés disso, a violência e o poder acentuado, chegando às raias da falta de ética e decoro”.

## CONCLUSÃO: A REVOLUÇÃO CRIADORA

É preciso pensar no prazer, desvinculando-o das amarras sociais, das instabilidades dos humores em nós e nos outros, da compulsividade do consumo e da necessidade de agradar aos outros para sermos aprovados. Não podemos mais pensar nele apenas como produto de consumo, pois, como já dizia Zeca Baleiro em sua música:

*Da modernidade essa armadilha,  
matilha de cães raivosos e assustados.  
O presente não devolve o troco do passado.  
Sofrimento não é amargura.  
Tristeza não é pecado.  
Lugar de ser feliz não é supermercado.*

(*Piercing*, álbum *Vô Imbolá*, ZECA BALEIRO, Universal, 2005).



No entanto, o *marketing* o relaciona diretamente a esse produto: “Pão de Açúcar: lugar de gente feliz”, “Casas Bahia: Vem ser feliz” ou ainda a família “Doriana”, que acorda cedo desfrutando do “café-*marketing*” da manhã.

É necessário que nos libertemos das conservas sociais e dos apelos consumistas. O prazer só pode ser vivenciado plenamente quando somos espontâneos, conscientes e quando reconhecemos o amor e o respeito por nós e pelos outros.

Para Moreno, o homem precisa “recuperar a espontaneidade e a criatividade, que são inatas a ele, e que estão bloqueadas ou perdidas no seu desenvolvimento por todos os tipos de pressão sofrida na sociedade” (MORENO, 1987). Para ele, era de vital importância pensar a respeito da interação humana, levando em conta, principalmente, o tempo presente; tratando-se de averiguar a relação presente e as correntes afetivas, tais como estão sendo transmitidas e captadas aqui e agora.

Para resgatar as habilidades criativas e espontâneas no homem, Moreno criou a “Sociometria”, que trata toda situação humana com a intenção de descobrir e ajustar transtornos e conflitos, considerando os elementos inseridos no momento investigado, como fatores econômicos, religiosos, culturais, biológicos e psiquiátricos (MORENO, 1992).

Segundo o autor, ao nascer, a criança é inserida em um conjunto de relações, primeiramente com sua mãe (que é seu primeiro ego auxiliar), seu pai, seus irmãos, seus avós, seus tios etc., denominados de “Matriz de Identidade”; sendo assim, o indivíduo deve ser concebido e estudado através de suas relações, uma vez que ele necessita do outro para estabelecer relações interpessoais, sejam familiares, profissionais, sociais, culturais, sexuais etc. Para ele, as relações interpessoais decorrem do Encontro, que é a experiência essencial da relação télica, é o apelo para a sensibilidade do próximo, é o apelo da espontaneidade.

Aqui temos a necessidade da expansão do projeto de Moreno, que considerava que o indivíduo deveria ser estudado através de suas relações interpessoais. Para ele, o homem é um indivíduo social, que nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para conviver com os demais.

Na verdade, o psicodrama é, também, um instrumento de diagnóstico psicossocial, que focaliza os aspectos relacionados ao modo de vida, ao



comportamento e às relações interpessoais dos indivíduos, tendo como coadjuvante o teste sociométrico (*socius* = social; *metrum* = medida), instrumento elaborado por Moreno (1974), que é o estudo matemático de características psicológicas dos conjuntos sociais a partir de métodos quantitativos. Esse método é destinado a avaliar a dimensão grupal, pois contempla os aspectos qualitativos e quantitativos na análise das relações interpessoais do grupo.

Em síntese, Psicodramatizar consiste em um ato de busca, em um processo de descoberta, pois o homem está no que faz e não no que oculta.

Este artigo pretende demonstrar que o Psicodrama é uma teoria, um método atual, que deve ser utilizado para trazer à tona as práticas discursivas que atravessam o cotidiano dos sujeitos contemporâneos, em sua adolescência, juventude e maturidade, bem como os repertórios interpretativos utilizados nas produções discursivas desses sujeitos. Considerando que o contexto marcado pela modernidade preza pelo descompromisso, o Psicodrama é uma forma de desvelar sentimentos, emoções, conflitos e principalmente as representações que marcam a realidade atual dos sujeitos contemporâneos.

É mister considerar, ainda, que a máxima da sociedade moderna é ser capaz de promover o consumo a qualquer custo. Além de afetar a formação psicossocial dos sujeitos, isso gera novas modalidades de sensibilidades, novas formas de sentir e de perceber o mundo no qual vivem. As noções de felicidade, contentamento e satisfação na esfera do consumo estão intimamente relacionadas às possibilidades de ter e não ter, consumir ou não.

No século XXI, a modernidade rompe com ideologias, com o projeto de emancipação do sujeito, com vínculos e compromissos sólidos. Assim como Bauman, que salienta a necessidade de questionar os efeitos dos tempos modernos líquidos sobre nós, aqui se espera gerar um debate que privilegie uma análise, à luz desses autores e de outros, sobre a construção dos sujeitos pós-modernidade, enquanto sujeitos de um tempo próprio que, antes mesmo de perceberem em profundidade sua sociedade, já se veem enredados em suas consequências perversas. Em uma época que preza pelo descompromisso, portanto, tem-se que esse debate é salutar pela necessidade de buscar uma compreensão desse mundo sem limites e sem comprometimentos, mas que, por esse feito, gera danos graves e dolorosos aos sujeitos que não têm como lutar ou se defender de riscos



e violências, a fim de descobrir quais são os compromissos que eles estabelecem com a sociedade, como sentem e como constroem suas estruturas internas de sentimentos em tempos tão frágeis de sensibilidades e afetividades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BALEIRO, Zeca. *Piercing*, álbum **Vô Imbolá**, Universal, 2005
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- CARVALHO CAMPOS, Maria das Graças de. *Axiodrama 654 – uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade*. Publicado por **Tanças de Abordagem**, em 30 novembro 2010, Produções Seleccionadas: Ciclo Publicações.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GILDENS, Anthony, **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Los tiempos hipermodernos**. Traduzido por Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.
- MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Psicodrama**. São Paulo, Cultrix, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Trad. Alessandra Rodrigues de Faria, Denise Lopes Rodrigues e Marcia Amaral Kafuri. v. 1. Goiânia, Dimensão, 1992.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Vol.1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.
- NAFFAH NETO, Alfredo. **Psicodrama: descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus Editora, 1997.
- POLETTI, Ivo. *Vozes do campo e da cidade*. In: SANTOS, José Vicente Tavares (org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Por uma sociologia da conflitualidade no tempo da globalização*. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- ZALUAR, A. *A Globalização do crime e os limites da exclusão local*. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.). **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

Maristela Colombo

Rua México, 546

Jardim Vista Alegre - Marília, SP

maristelacolombo@hotmail.com

